

O livro "O Caminho: Ensaio sobre o Seguimento de Jesus", de José Comblin, oferece uma profunda reflexão sobre a essência do cristianismo, distinguindo o "seguimento de Jesus" da "religião" enquanto instituição cultural. A obra é dividida em um Prólogo, três capítulos dedicados à Esperança, à Fé e ao Amor, e uma Conclusão, explorando como esses pilares teológicos se manifestam na vida cristã e na sociedade.

Prólogo

O Prólogo inicia explicando o título do livro, onde "O Caminho" é apresentado como um dos primeiros nomes dados pelos cristãos à sua nova vida após a conversão a Jesus. Para eles, essa nova vida não era uma religião no sentido formal de um sistema de crenças, ritos e instituições, mas sim um caminho a ser seguido, o mesmo caminho percorrido por Jesus. O autor argumenta que Jesus não fundou uma religião, mas, ao criticar radicalmente a religião de Israel de sua época, foi morto como herege.

Comblin destaca que, ao longo da história, o cristianismo incorporou muitos elementos de outras culturas e religiões (filosofia grega, direito romano, politeísmos), formando sínteses que evoluem constantemente. Ele ressalta a distinção crucial entre as virtudes teológicas (fé, esperança e caridade), que são dons de Deus, e a virtude da religião, que é uma criação humana cultural. O seguimento de Jesus, segundo o autor, transcende qualquer cultura e pode ser vivido em todas elas, permanecendo crítico em relação a todas as religiões que tendem a se afastar do Reino de Deus e se tornar autônomas. A história do cristianismo, então, é vista como o desenvolvimento de religiões "cristãs" e a crítica a essas religiões em nome do verdadeiro caminho de Jesus. Muitas pessoas identificam-se como cristãs simplesmente por seguir preceitos religiosos, mas podem estar longe da mensagem de Jesus. A religião, por ser mais visível, pode ocultar o verdadeiro "caminho" que Jesus veio trazer.

Capítulo 1: A Esperança

O primeiro capítulo, intitulado "A Esperança", explora a centralidade dessa virtude na vida cristã contemporânea, em contraste com épocas anteriores.

1. Introdução

Inicialmente, Comblin situa a esperança como a "porta de entrada na vida cristã nesta época histórica", diferentemente da Idade Média, que priorizava a caridade, e da Reforma, que focava na fé. Ele critica a teologia medieval que via o Reino de Deus já realizado na Terra, ignorando a necessidade de esperança para este mundo. Embora a caridade fosse o ideal, a prática histórica mostrou corrupção e desvios, levando a protestos e um grito por "reforma". Contudo, as reformas subsequentes focaram em doutrina, não no amor aos pobres, levando Lutero a centrar a salvação na fé, separando o reino terreno do reino de Cristo. A Contrarreforma católica seguiu essa ênfase na defesa da fé, negligenciando a salvação do mundo em favor da salvação das almas. O autor sugere que essa "era da fé" levou a um desprestígio do cristianismo e a uma cegueira das Igrejas diante das transformações sociais, especialmente a modernidade. A modernidade, com seu conceito de progresso e a construção do ser humano por si mesmo, gerou uma "formidável esperança de um mundo novo", que as Igrejas inicialmente rejeitaram. A teologia da esperança, desenvolvida por Jürgen Moltmann,

surgiu no século XX, permitindo o diálogo com o mundo moderno e resgatando a escatologia bíblica, que vê o ser humano e a humanidade em constante caminhada rumo à plenitude, guiados por Deus através de profetas.

2. A Esperança dos Vencidos

Comblin analisa a esperança no contexto da América Latina, um continente de "vencidos". Ele compara a vinda de Jesus para os camponeses oprimidos da Galileia com a realidade dos povos latino-americanos que, ao longo da história, aceitaram a condição de vencidos. A mensagem cristã é, portanto, de esperança para os que não têm futuro, os humilhados e excluídos. A caminhada de Jesus despertou entusiasmo e a visão de um futuro possível para os pobres, enquanto para os poderosos, era uma advertência. O autor afirma que a evangelização exige ir para a "Galileia", ou seja, para os lugares de marginalização, e ser um sinal de esperança. Ele lamenta a falta de fé e o número reduzido de "operários" dispostos a anunciar a libertação aos pobres da terra. Ele descreve como os conquistadores e as elites vivem no presente, sem precisar de esperança, e como os povos vencidos, como os indígenas e negros, muitas vezes experimentam desespero, submissão ou fuga no passado. A verdadeira esperança, porém, surge quando as vítimas aprendem a agir, a falar e a reivindicar sua dignidade, impulsionadas pela força de Deus.

3. Esperança e Desejo

Aqui, Comblin diferencia esperança de desejo. Embora os desejos sejam inerentes à vida humana, a esperança transcende a mera satisfação imediata. Ele menciona como a modernidade, com seu avanço tecnológico, excita e busca satisfazer desejos, mas a verdadeira dignidade humana reside em ser reconhecido e respeitado. A esperança cristã aspira a um "novo mundo", uma "nova forma de convivência humana", onde todos sejam livres e iguais – o Reino de Deus. O texto argumenta que Jesus liberta essa aspiração por um mundo diferente, que é frequentemente reprimida pela realidade. Ele contrasta a busca egoísta de satisfação pessoal com a alegria que advém de ingressar na caminhada do Reino de Deus, onde os desejos são absorvidos por uma experiência vital superior. Comblin critica o espiritualismo que exalta a privação e o equilíbrio perfeito individual como fins em si mesmos, em vez de se indignar com o pecado do mundo e as forças de destruição, e agir em favor dos outros. Ele também adverte sobre religiões que prometem prosperidade e bem-estar individual, ignorando a mensagem de Jesus sobre o amor e o serviço.

4. Esperança e Medo

O autor aborda o medo que permeia a sociedade desigual, distinguindo o medo visceral (de violência) do medo mais profundo de existir publicamente, de falar, protestar ou afirmar direitos devido à ameaça de repressão. Este medo é o que permite a manutenção de sociedades injustas. A esperança radical, exemplificada pelos mártires, é o único remédio capaz de vencer esse medo. A esperança cristã é pública e coletiva, manifestada no testemunho de comunidades e na afirmação da necessidade de mudança radical. Comblin argumenta que "não se pode viver no medo e na esperança cristã ao mesmo tempo", e que "esperar é agir, comprometer-se". A história cristã primitiva, marcada pelos mártires, foi uma era de esperança, pois eles testemunharam o Reino de

Deus em sua coragem. O desaparecimento de mártires, na visão do autor, pode indicar que a Igreja perdeu a esperança e deixou de se implicar nas lutas por libertação humana.

5. Além da Revolta e da Utopia

Comblin analisa as reações à opressão, como a submissão, a fuga, o medo, a repressão dos desejos e a revolta. Ele diferencia revolta de revolução, sendo esta última um movimento que busca a transformação total da sociedade, uma "expressão secularizada do Advento do Reino de Deus". Embora muitas revoluções tenham fracassado em realizar seus ideais, elas ainda contribuem para a caminhada do Reino de Deus ao redistribuir poder e afirmar a dignidade do povo. O autor critica as democracias atuais por entregarem o poder às burguesias e manipularem o sistema para impedir a ascensão popular, citando o FMI como um poder decisório sobre nações como o Brasil. Ele argumenta que a esperança busca a construção de uma nova sociedade pela transformação do ser humano, o que exige mais do que uma mera mudança de estrutura política ou econômica, pois os privilegiados não estão dispostos a mudar. O texto destaca o surgimento de novos movimentos sociais na América Latina, como o EZLN e o MST, que rejeitam o modelo social atual e buscam uma transformação baseada na subjetividade humana e na mística, priorizando a conscientização do povo em vez da mera tomada de poder. A esperança cristã é, portanto, histórica e prática, diferente de utopias abstratas.

6. Esperança e Realidade Histórica

Este ponto aprofunda a crítica à teologia ocidental por ignorar a história, resultando em uma doutrina social da Igreja abstrata e ineficaz. Comblin contrasta essa visão estática com a concepção bíblica de história, que é um movimento dinâmico de promessas e sua realização, constantemente renovado. Jesus, como "filho da esperança" de Israel e "pai da esperança do povo renovado", deu uma virada radical, estendendo essa esperança a todos os povos. Ele questiona a teologia escolástica que via o Reino de Deus como algo fixo e definitivo após Jesus, o que reprimiu a esperança por séculos e levou a hierarquia a reprimir movimentos de mudança para proteger seu *status*. O autor ressalta que a história do cristianismo é uma história de "oportunidades perdidas" para renovar a Igreja e abraçar a missão em novas culturas e contextos. Ele argumenta que a esperança exige paciência e o trabalho por mudanças concretas, reconhecendo os limites, mas sempre buscando ir "além do possível". Profetas, como Francisco de Assis ou João XXIII, são fundamentais para essa mudança, mas o processo é lento devido à resistência e inércia humanas.

7. A Esperança do Peregrino

Comblin utiliza a imagem da peregrinação como a melhor representação da esperança cristã, onde o crente é um "peregrino e estrangeiro" neste mundo. A peregrinação não é sobre "ter" (adquirir bens), mas sobre "ser" (transformar-se), tornando-se mais humano, livre e desapegado das posses. Jesus é o "caminho novo e vivo", e sua vida foi uma peregrinação que culminou em Jerusalém, onde ele atingiu a plenitude da liberdade e do amor através da renúncia ao poder e da entrega total. Essa perspectiva contrasta com uma pregação cristã pessimista que enfatiza a mortificação e a vida futura em detrimento da alegria e das transformações neste mundo. A esperança do peregrino se renova diariamente, focando na jornada e na continuidade, mesmo diante das incertezas

e dificuldades. A caminhada é interior, mas também coletiva, com cada um encontrando seu lugar no imenso povo peregrino. A vida eterna é o ponto de chegada dessa peregrinação terrena, um desabrochar da esperança vivida no presente.

8. Os Profetas da Esperança

O autor afirma que "não há esperança sem profetas". A missão dos profetas é suscitar e alimentar a esperança, especialmente quando o povo está aprisionado pelo presente, dominado por um pensamento único ou por uma religião que sacraliza os poderes opressores. Profetas são imprevisíveis e indispensáveis; eles lembram as promessas iniciais de Deus, denunciam a traição das elites e anunciam a libertação. Jesus é o modelo de profeta por excelência, e todos os cristãos são chamados a serem profetas, individual e coletivamente. A Igreja, como "povo de Deus", tem a missão de ser um sinal visível de esperança, mas muitas vezes perde essa capacidade ao se apegar à sua própria identidade e estruturas. Comblin lamenta a escassez de profetas em certas épocas e a resistência da Igreja em recuperar seu sentido e missão profética, que é a de evangelizar um mundo cada vez mais afastado do cristianismo. Ele destaca a atuação de "profetas da caridade" como Dom Óscar Romero, que, movidos pela indignação e amor ao povo, levantaram a voz contra a opressão.

Capítulo 2: A Fé

O segundo capítulo, "A Fé", investiga a natureza e a evolução da fé cristã, contrastando sua simplicidade original com as complexidades adquiridas ao longo da história.

1. Introdução

Comblin começa observando que a fé, como atitude pessoal diante de Deus, permaneceu a mesma, mas sua representação variou drasticamente. Ele critica a teologia da fé do século XVI, que se tornou "totalmente incompreensível" e afastou muitos contemporâneos, transformando a fé em crença cega em verdades impostas pelo Magistério. Em contraste, a fé nos primórdios era simples: aceitar Jesus e seus ensinamentos como a Palavra de Deus. Quando o cristianismo encontrou a cultura greco-romana, a fé começou a se definir contra a heterodoxia (como o gnosticismo), levando a uma identificação da fé com a ortodoxia. Isso gerou uma história de lutas e condenações, culminando em uma divisão dentro da própria Igreja Católica. Comblin lamenta que a preocupação com a ortodoxia tenha causado "dano irreparável" à Igreja, esterilizando sua missão no mundo dos pobres e abrindo caminho para novas igrejas pentecostais. Ele sugere que muitas das "heresias" do passado eram, na verdade, legítimas expressões da fé que não deveriam ter sido condenadas.

2. A Fé como Iluminação

O autor descreve a fé como uma "iluminação" que transforma a vida e dá um sentido superior, em contraste com a ideia de fé como renúncia ou sacrifício. Para os mártires, a fé era libertação e vitória, não resignação. A fé cristã, segundo Comblin, tem raízes em uma "fé primordial" – uma confiança básica do ser humano em si mesmo, sua dignidade e valor, mesmo diante da finitude e do sentimento de culpa. Jesus estimula a abrir os olhos para um "mundo novo", onde os pobres são privilegiados e o que parecia

mediocre se revela maravilhoso. A fé, então, é um processo de libertação que dá segurança, inteligência e força para enfrentar os poderosos. Ela é a porta de entrada para a esperança, impulsionando o ser humano a uma existência ativa e plena. O despertar da fé ocorre através do "olhar de outra pessoa", um chamado que pode vir de fora, mas que ressoa em um apelo interior, como na experiência de Abraão e Moisés. Comblin destaca que a fé é uma iluminação da mente que leva à ação, não um mero ato intelectual, e que a verdadeira fé é alegre e transformadora.

3. A Fé no Caminho de Jesus

A fé em Jesus é inseparável da fé no seu "caminho" – sua vida humana de pobreza, ausência de poder e martírio na cruz. Comblin argumenta que a cruz de Cristo só pode ser compreendida no contexto de sua vida e ações, e não como um mito isolado. Ele critica a tendência histórica de projetar valores humanos em Jesus, criando figuras que se afastam da sua realidade histórica como um judeu do século I. O caminho de Jesus, marcado pela herança de Abraão e pelo destino do povo de Israel, estende-se a toda a humanidade, transformando o reino do pecado no reino de justiça e paz. A descida de Jesus à pobreza e impotência é fundamental; ele não buscou privilégios ou poder, mas se fez um com os mais pobres. O autor critica o culto a Jesus que o transformou em um objeto de adoração em vez de um modelo a ser seguido, e a instrumentalização da cruz como símbolo de poder e conquista. A fé em Jesus, crucificado e ressuscitado, é reconhecer a força de Deus na fraqueza humana e escolher o caminho da liberdade e não da violência ou imposição. A Igreja, como instituição, muitas vezes falhou em seguir esse caminho, buscando o poder e a lei em vez de servir.

4. Jesus Ressuscitou!

A Ressurreição de Jesus é a proclamação mais significativa do cristianismo primitivo, o centro da mensagem dos apóstolos. Ela afirma uma força superior e a presença do Reino de Deus. Comblin aborda o choque dessa proclamação com a mentalidade contemporânea secularizada, que tende a ver as religiões como mitologias. Ele explica que a Ressurreição é o início de uma nova história, onde Jesus, invisível, permanece presente no meio de sua Igreja, que é seu corpo. A Eucaristia é o sinal dessa presença, um memorial que lembra o caminho da vida através da morte e a fidelidade na missão. O autor critica a desvirtuação do culto a Jesus, que o transformou em objeto de veneração e de atribuição de títulos de poder mundano, em vez de um guia a ser seguido. Ele reafirma que a presença de Jesus Ressuscitado se manifesta na pessoa do pobre e que a prioridade deve ser dada aos pobres.

5. A Fé no Espírito Santo

A fé no Espírito Santo é entendida como a crença na capacidade de criar um mundo novo e lutar contra as forças de dominação. O Espírito, como "Advogado excepcional", concede inteligência e energia para enfrentar o mundo, permitindo que os discípulos levantem a voz e resistam ao pecado do mundo, mesmo diante do martírio. Comblin critica a hierarquia eclesiástica por, muitas vezes, confundir a força do Espírito com seu poder material e burocrático, buscando a uniformidade em vez da diversidade dos dons do Espírito. Ele destaca a resistência do Espírito à "lei" (sistemas e regras rígidas) e a importância do discernimento popular, que muitas vezes percebe o caminho de Jesus mais claramente do que o clero. A presença do Espírito, embora fragmentária devido às

limitações humanas, impulsiona as pessoas a uma vida nova, ativa e cheia de iniciativa, revelando o poder transformador de Deus.

6. A Fé e os Dogmas

Comblin desafia a concepção católica comum de que fé é simplesmente acreditar nos dogmas. Ele argumenta que essa visão, resultado de séculos de teologia escolástica, criou um linguajar hermético que afasta as pessoas e prestigia a hierarquia e os teólogos. Ele critica a forma como os dogmas foram definidos nos primeiros concílios (Nicaia, Calcedônia), muitas vezes por razões políticas de unidade imperial, que acentuaram divisões em vez de promover a unidade. A fé católica, ao se concentrar na ortodoxia e na defesa de verdades, perdeu o foco na relação da fé com o amor. A Reforma Protestante, ao eliminar o sistema cosmológico e imperial, buscou purificar a fé, mas também separou os reinos terrestre e divino. O Concílio de Trento, ao absolutizar a fé na submissão ao Magistério e na sacramentalidade, consolidou uma Igreja sacramentalista e dogmática. O autor conclui que a aceitação intelectual de dogmas não garante a fé, pois a fé verdadeira tem como objeto Jesus, que ilumina e mostra o caminho da esperança, capacitando os discípulos para a missão e o amor.

Capítulo 3: O Amor

O terceiro capítulo, "O Amor", é apresentado como o cerne do cristianismo, a única realidade eterna e salvífica, conforme a pregação de São Paulo.

1. Introdução

Comblin inicia com a famosa passagem de 1 Coríntios 13, enfatizando a primazia do amor sobre a fé, a esperança, a profecia, a ciência e até a entrega dos bens. Ele argumenta que só o amor permanece, e que "ninguém se salva pela fé, pela esperança ou pela religião. Nenhuma religião salva, mas somente o amor." O amor, sendo o próprio Deus ("Deus é amor", como diz São João), é um dom que exige uma "conversão" radical. O autor cita exemplos de conversões tardias ao amor (Dom Helder Câmara, Pe. José Aldunate) para ilustrar que o amor não é inato, mas um caminho de vida que se abre. Ele também menciona a mudança no foco da Teologia da Libertação, que priorizou o sujeito coletivo na luta por libertação, mas que precisa agora retomar o problema do amor pessoal e coletivo diante do desaparecimento do "sujeito histórico" (o trabalhador explorado) e o surgimento do "excluído" na economia informal.

2. O Anúncio do Amor

O amor é uma realidade nova, "um amor novo", que transcende e aprofunda as experiências humanas de amor (Eros, Philia). O cristianismo tem o amor como seu centro, e o conhecimento de Deus só é possível através do amor, pois "quem não ama não conheceu a Deus". Esse amor é um dom divino que não depende do intelecto ou de rituais, mas de obras. Comblin cita Jesus e São João para reforçar que o amor se manifesta em ações concretas em relação ao próximo, e não em meras palavras ou sinais religiosos. A parábola do Juízo Final (Mt 25) é usada como o critério absoluto de salvação: ter servido ao próximo necessitado. Ele enfatiza que Jesus não veio para revogar a Lei, mas para levá-la à perfeição, subordinando-a ao amor ao próximo. O

objeto do amor, segundo o Evangelho de Lucas, é o "homem ferido e abandonado à beira do caminho", o rejeitado e o excluído.

3. O Amor aos Pobres

O autor destaca a "opção pelos pobres" como o núcleo central do cristianismo e um tema amplamente desenvolvido na teologia latino-americana. Ele lamenta que esse tema tenha sido suprimido do linguajar eclesial desde o século XIV, quando os Papas de Avignon condenaram o radicalismo franciscano. No entanto, sempre houve testemunhas proféticas desse amor, como São Gregório Nazianzeno e São João Crisóstomo, que denunciavam veementemente a exploração e a injustiça. Comblin dá um destaque especial a Emmanuel Lévinas e sua filosofia do "Outro" (o pobre, órfão, viúva, estrangeiro) como aquele que questiona e perturba o "meu" mundo, exigindo uma resposta de amor. Ele conecta essa ideia à "nova pobreza" dos "excluídos" na economia contemporânea, que não são apenas desempregados, mas "inempregáveis", formando um mundo paralelo e invisível para a sociedade dominante.

4. O Amor aos Pobres Hoje

Comblin discute o dilema atual de como praticar o amor aos pobres: através da "inculturação" (melhorando a vida dentro de sua subcultura) ou da "integração" (ajudando-os a entrar na sociedade dominante). Ele critica o otimismo exagerado sobre a capacidade das massas populares de lutar por sua libertação e a fragilidade dos "sujeitos históricos". A falta de comunicação entre líderes e massas, e as falhas morais das lideranças, são apontadas como obstáculos. O autor argumenta que o medo prevalece até que o povo se sinta apoiado por um movimento forte com uma liderança e motivação claras. Ele questiona a falta de compromisso da Igreja institucional com a libertação social, que muitas vezes se refugia na piedade individual. A história recente, com o desaparecimento do "sujeito histórico" do trabalhador e o surgimento dos "excluídos", exige uma nova reflexão sobre a práxis do amor, que deve considerar a realidade complexa e não linear da história.

5. O Olhar

O "olhar" do pobre é a expressão concreta do "Outro" que questiona e acusa. O amor ao pobre começa ao aceitar esse olhar e fazer o movimento de ir ao encontro dele, o que exige humildade, paciência e a quebra de barreiras culturais. Comblin lamenta que muitos cristãos falem dos pobres sem os conhecerem de fato, preferindo os assuntos internos da Igreja à inserção no mundo dos marginalizados. Ele enfatiza que o respeito é a necessidade mais fundamental dos pobres, muitas vezes tratados sem dignidade em diversas instâncias sociais. A falta de respeito, especialmente contra negros e mulheres, mina a autoestima e a capacidade de libertação. A educação é crucial para fortalecer a confiança dos humilhados, mas o sistema educativo atual muitas vezes falha nisso.

6. A Compaixão

A compaixão é apresentada como a essência do amor, sendo a resposta ao olhar do sofredor. Não é uma tristeza passiva, mas uma força ativa que impulsiona a busca de soluções para o sofrimento. Comblin usa Jesus como modelo de compaixão, que se dirige a pessoas concretas, mas com a visão de curar a "doença global" de seu povo. Ele

critica a ausência dessa prática em muitos religiosos e a falta de participação direta nos sofrimentos do povo, o que levou ao abandono de causas revolucionárias por parte de alguns que não tinham raízes em um amor verdadeiro pelo povo. A compaixão deve ser corporal, imediata e personalizada, não baseada em números ou estatísticas.

7. A Indignação

A compaixão se transforma em indignação quando se percebe que o sofrimento é resultado da injustiça e do abuso humano. A indignação de Jesus contra os líderes religiosos que exploravam o povo no Templo de Jerusalém é apresentada como um exemplo primordial. Comblin recorda a indignação de figuras históricas como Antonio Montesinos, Bartolomeu de Las Casas e Dom Leónidas Proaño, que denunciaram crimes e injustiças em nome do amor aos oprimidos. Ele critica a Igreja por seu silêncio diante da escravidão, atribuindo-o à falta de amor. A verdadeira indignação defende o fraco, enfrenta a opressão e atua contra o sistema de males, não se limitando a palavras. É um amor que não é uma fraqueza juvenil, mas um compromisso maduro e forte com pessoas concretas.

8. Fazer

Para Jesus, amar não é apenas "dizer", mas "fazer". As ações concretas que beneficiam o próximo são o que realmente conta. O autor cita diversas passagens evangélicas que enfatizam a prioridade do "fazer" sobre o "falar" e a oração. Ele critica o "espiritualismo" que desliga o cristianismo do mundo material, vendo-o como uma fuga da corporalidade. Comblin contrapõe essa visão com a encarnação de Jesus, que viveu e agiu no mundo. Ele relembra os movimentos gnósticos e cátaros como exemplos históricos de espiritualismos que rejeitavam o corpo e o mundo material, sendo contrários à essência do cristianismo. A reabilitação do corpo na cultura moderna é vista como um movimento saudável, desde que não transforme o corpo em um fim em si mesmo. O amor, portanto, é "fazer o que realmente vai gerar mais vida aos pobres", distinguindo a caridade genuína de ações feitas por publicidade, interesse ou costume. Mesmo em um mundo dominado pela arrogância e pelo egoísmo, sempre é possível "fazer" algo, agindo no amor.

9. O Apelo

O autor reflete sobre a supervalorização da capacidade das massas populares nas décadas de 60 e 70, e a subsequente desilusão. Ele argumenta que os sujeitos históricos não surgem espontaneamente, mas são formados em resposta a um "apelo" que exige uma conversão radical. Esse apelo, muitas vezes mediado por outras pessoas, convida a uma vida de amor e serviço ao próximo. Comblin critica a evangelização que se resume a convidar para a Igreja sem propor um propósito claro de amor e serviço. Ele lamenta a crescente distância entre o discurso eclesial e a prática, onde o "marketing católico" e a busca por resultados financeiros desvirtuam a mensagem do Evangelho. A verdadeira evangelização é um convite à conversão, mesmo diante da resistência de um mundo competitivo e egoísta.

10. Agir sobre as Pessoas

O amor cristão se manifesta no agir em dois planos: o das pessoas e o das estruturas. No plano pessoal, o perdão é a primeira expressão cristã, significando a rejeição da vingança e a busca da conversão dos inimigos. Comblin questiona a moralidade da Igreja em pregar o perdão, dado seu histórico de perseguições. Ele enfatiza que o perdão não é um favor, mas uma ação que promove a conversão no presente. O respeito é outro passo crucial, especialmente para os pobres, que sofrem constante humilhação. Respeitar o outro, seja negro, indígena ou mulher, é tratá-lo como pessoa com direitos iguais. Jesus quer mais: tratar o pobre como superior, como ele fez ao lavar os pés de seus discípulos. A educação deve focar em fortalecer a autoconfiança dos humilhados, capacitando-os a se tornarem sujeitos ativos.

11. Serviço e Técnica

O autor aborda como o ser humano pode usar sua boca (linguagem) e suas mãos (ação e ferramentas) para prestar serviço ao próximo. Ambas exigem aprendizado e técnica. Ele questiona a ideia otimista da modernidade de que o desenvolvimento tecnológico por si só levaria ao bem-estar, mostrando que as tecnologias muitas vezes servem aos interesses dos poderosos e exacerbam as desigualdades. A linguagem, por exemplo, pode ser usada para comunicar sentimentos ou para fins técnicos, e a mídia moderna tende a uniformizar e empobrecer a comunicação. As tecnologias não são neutras; elas refletem as prioridades da sociedade que as cria. No entanto, mesmo dentro de um sistema dominador, indivíduos podem usar suas habilidades e ferramentas para servir aos pobres e "romper a disciplina do sistema", praticando o amor. Casos de arrependimento de ex-líderes de grandes instituições financeiras (como Michel Camdessus e Joseph Stiglitz) são citados como exemplos de que é possível agir com mais amor, mesmo em posições de poder.

12. A Comunidade

O amor cristão se dirige tanto a indivíduos quanto a comunidades. A comunidade é vista como uma rede de amores entrecruzados, essencial para a existência humana e a aquisição de bens importantes. Comblin lamenta a destruição das comunidades pela cultura atual, que as substitui por relações formais de consumo, onde o dinheiro dita a vida coletiva. Os pobres, porém, muitas vezes conservam o espírito comunitário através de economias informais e novas comunidades. Ele critica a Igreja por adotar um modelo de consumo religioso, onde paróquias se tornam "agências de bens religiosos" em vez de comunidades vivas. A hierarquia católica é vista como um obstáculo ao surgimento de leigos líderes, devido ao seu monopólio de poder. A comunidade cristã, conforme o Novo Testamento, deve ser aberta, libertando-se de sinais de identidade que a separam dos outros e identificando-se com a cultura dos pobres.

13. Caridade Política

Comblin afirma que o amor tem lugar na política, definindo a "caridade política" como a prioridade dada aos pobres. Ele critica a política real por não corresponder aos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, defendendo a propriedade privada acima dos direitos humanos. No Brasil, ele observa que as leis dificilmente favorecem os pobres, e os poderosos usam "especialistas" para justificar a manutenção de seus privilégios. O cristão que entra na política é chamado a um heroísmo, enfrentando a corrupção e a violência dos poderosos. Mesmo em "épocas de trevas", como a atual, a vocação

política é urgente. Ele enfatiza que o poder não deve ser um fim em si mesmo, e que a honestidade na função pública exige heroísmo. A caridade política se manifesta no tratamento respeitoso dos pobres por parte dos funcionários públicos e no trabalho da opinião pública em favor dos marginalizados.

14. Amor e Religião

Este ponto reitera a distinção entre amor e religião. Para São Paulo, a caridade é superior a todos os dons e conhecimentos religiosos. O verdadeiro amor a Deus é o amor ao próximo, pois Deus não pode ser atingido diretamente, mas sim através dos atos concretos de amor em relação às pessoas. Comblin afirma que a religião, embora uma parte essencial da vida humana, precisa ser "retificada e transformada pela caridade", pois uma religião sem amor é inútil ou prejudicial. Jesus lutou contra os líderes religiosos que priorizavam ritos e prestígio em vez de amor e misericórdia. O autor argumenta que Jesus não veio fundar uma nova religião, mas criticar as existentes, aboliu o sacerdócio, os sacrifícios e os templos, pois se prestavam à corrupção e à exploração. A Igreja, ao longo da história, reincorporou elementos judaicos e pagãos, sacralizando o sacerdócio e os templos, desviando-se da mensagem original de Jesus. Ele questiona a validade de uma religião que se tornou "um sistema sacrificial-sacerdote-templo", que neutralizou o Evangelho. Conclui que a religião é uma criação humana provisória e que a Igreja deve anunciar o Evangelho do amor, não insistir na religião como um fim em si mesma.

15. Amor de Deus

O capítulo finaliza reiterando que o amor mútuo entre os discípulos é o próprio amor de Deus, que é imortal e já constitui a realidade da vida eterna. O amor do Pai pelo Filho se manifesta nos discípulos pelo amor ao próximo. Amar a Deus não é cultural ou simbólico, mas a vida comum com todas as suas implicações terrestres, um dom da vida real. Embora existam expressões místicas do amor a Deus, o amor de Deus transcende toda mística, sendo uma realidade superior a qualquer religião. A religião é um sistema simbólico que pode servir à caridade, mas a salvação não vem por pertencer a uma religião, mas pelo amor dedicado ao próximo necessitado.

Conclusão

Na Conclusão, Comblin resume seu argumento central: Jesus não veio destruir a religião, mas levá-la à sua perfeição, que está "além da religião". A religião, portanto, deve ser constantemente redirecionada para se tornar um auxílio ao crescimento da vida cristã, e não um fim em si mesma. A vida que Jesus ensinou é simples, mas desafiadora, um "permanente combate entre o amor e a resistência ao amor - que é o pecado". O autor enfatiza a necessidade de a religião estar em constante mudança, adaptando-se às culturas, para servir como um auxílio ao evangelho, sem nunca substituí-lo. A mensagem de Jesus permanece a mesma, enquanto a religião varia. A obra conclui que a salvação é o amor, a única realidade deste mundo que permanece para a eternidade.